



Pontos de vista, reacções e ideias...

Ser estagiário

Após as últimas férias universitárias, eis que chega o dia 01/09/99, um dia tão ansiosamente esperado. Criam-se expectativas sobre como será a Escola, como serão os alunos, ... enfim, criam-se expectativas sobre tudo o que diga respeito ao que em breve iremos fazer parte e onde desejamos ser bem aceites.

É o primeiro dia de trabalhar, o primeiro dia de Estágio. É o primeiro contacto com o Orientador. O encontro com os alunos, esse está marcado para mais tarde.

O que nos esperará?

Tudo começa nos portões da Escola... Lentamente, vamo-nos aproximando da entrada, movidos por aquela sensação de que nada mais será igual uma vez cruzada a passagem que liga o mundo real ao mundo que nos aguarda no interior... Os contornos da Escola vão aumentando proporcionalmente à incerteza de termos escolhido a profissão adequada...

Após o encontro com o Orientador, alguns dos receios iniciais desaparecem e criam-se novas expectativas, por exemplo, expectativas sobre os outros professores da Escola, em particular, os de Matemática.

Mas, à medida que o tempo passa, surgem receios sobre o primeiro contacto com os alunos. Será que vamos conseguir manter o controlo disciplinar necessário? Será que temos vocação para ensinar? Será que...

O primeiro dia de aulas chega e apercebemo-nos que muitos dos receios característicos dos principiantes eram infundados. Afinal até correu tudo bem e isso faz com que encare-

mos, os próximos meses, de uma forma optimista. Serão meses de aprendizagens sucessivas, em que a troca de experiências ocupa um papel importante e durante os quais poderemos contar com os Orientadores da Escola e da Faculdade.

E não se pense que ser estagiário é fácil! Não é fácil principalmente por dois motivos: o estigma de ser-se estagiário está enraizado na nossa sociedade de uma forma negativa e a falta de prática dificulta a ultrapassagem de determinados obstáculos. No entanto, todos os obstáculos devemos incitar a reflectir para melhorarmos o nosso ensino. Quanto ao estigma de sermos estagiários, com o passar do tempo começamo-nos a aperceber que não passamos de "seres inferiores". Mas não é por isso que deixamos de dar o nosso melhor.

O que nos leva a prosseguir com uma fé inquebrantável são pequenos aspectos da nossa actividade docente, tais como o brilho no olhar dos alunos quando recebem um elogio por se esforçarem, os comentários do tipo "A Stôra explica bem", "A Stôra é fixe!", e a conquista dos alunos que nos dizem logo nos primeiros dias que não têm jeito para a Matemática, ...

Estagiário só se é uma vez na vida e, por isso, devemos aproveitar tirar o máximo partido dessa experiência única. Enquanto estagiária, parece-me que aquilo que fizemos na nossa carreira, e principalmente nos primeiros anos, irá estar bastante condicionado pelas experiências vividas durante o Estágio. Daí que, na minha opinião, seja de grande importância uma boa orientação, e a riqueza, diversidade e qualidade das acções desenvolvidas durante esse período.

Maria Helena Perpétua
Escola Secundária D. João II, Setúbal

Acabou o estágio! E agora, o que fazer?

O sonho de qualquer estudante é acabar o seu curso e começar a trabalhar na área em que se formou. O que fazer quando este sonho nos é negado? Que sentimento impera quando se acaba o estágio e se tem a notícia de que não existe nenhuma escola, em todo o país, na qual possamos exercer a nossa profissão para a qual tanto trabalhámos?

Ao acabar o estágio em Matemática, Ramo Educacional, passamos a ser professores profissionalizados que, no caso da Matemática, costumam ficar colocados a leccionar. Mas, este ano tudo se alterou. Qual não foi a minha surpresa ao constatar que não fiquei colocada apesar de ter concorrido a nível nacional. Este sentimento, com certeza, deve ter sido partilhado pelos restantes 700 professores profissionalizados que se viram remetidos para os concursos regionais de professores. Tive conhecimento da minha situação através da Internet, porém senti necessidade de consultar as listagens das colocações que saíram dias depois, o que só veio confirmar o meu "pesadelo".

E agora, o que fazer?

Afinal o nosso curso apenas nos prepara para leccionar. A nossa única saída profissional é o ensino. Mas se não temos hipótese de fazer aquilo para o qual fomos preparados, o que iremos fazer? Eu tive sorte, fiquei a leccionar numa Escola Profissional; outros ficaram colocados nos mini-concursos, a maioria com horários incompletos, mas o que irão fazer os outros professores, profissionalizados e não só, que não foram colocados? Será que o nosso país pode prescindir destes professores?

Anabela Candeias
Escola do Comércio de Lisboa

Concurso de Professores - que desilusão!!!

Caros Colegas, não quisemos deixar passar a oportunidade de partilhar convosco os sentimentos que nos têm envolvido nas ultimas semanas.

Somos duas jovens professoras da margem sul do Tejo, licenciadas em Ensino da Matemática pela Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, e fazemos parte do elevado número de professores profissionalizados não colocados na segunda parte do concurso para o ano lectivo 2000/2001. Foi com bastante surpresa, e após várias tentativas de ligação à linha telefónica do Ministério da Educação, que obtivemos a inesperada informação: "Lamentamos mas a sua candidatura não obteve colocação".

Apesar de estarmos conscientes do aumento do número de candidatos à

nossa frente, relativamente ao ano passado, nunca pensámos ficar privadas de pôr em prática tudo aquilo que aprendemos e em que acreditamos. Para quem sempre quis ser professora, esta notícia foi recebida com bastante tristeza e revolta, sobretudo para quem teve a oportunidade de viver o dia-a-dia de uma escola e verificar que de facto era esta a profissão que a realizava.

Se tomarmos como exemplo o que aconteceu em anos anteriores, nada previa que tivéssemos que recorrer aos mini-concursos para continuar a dar aulas, algo que iniciámos há somente dois anos. Se os mini-concursos são para muitas pessoas um complemento da sua profissão ou uma alternativa empregadora, para nós será a única e última hipótese que temos para exercer a profissão que escolhemos. Andando de CAE em CAE, apercebemo-nos do reduzido número de horários existentes e da dificuldade que será obter um horário completo, avistando-se assim futuro profissional pouco risonho.

Todos estes momentos que temos vivido, fazem-nos reflectir sobre a qualidade do ensino em Portugal e as situações adversas que os professores têm que gerir após a sua colocação tardia nas escolas. E os alunos? Não sofrerão também eles com esta situação?

Na nossa opinião, a instabilidade existente no corpo docente de cada escola que muda de ano para ano, reflecte-se no seu dia-a-dia, não permitindo que haja uma continuidade de trabalho, comprometendo em parte o sucesso dos alunos.

Sem outra alternativa, só nos resta aguardar pelos resultados e fazer votos para que o próximo ano lectivo comece no mesmo dia para todos os professores.

Bem hajam pela vossa atenção,

Dora Pinto e Silvia Cidades

A Redacção reserva-se o direito de editar os textos recebidos de modo a tornar comportável a inclusão das contribuições recebidas no espaço disponível na revista.

Quando um paradoxo não surpreende (continuação da pág. 27)

Conclusão

Paradoxos podem ser um recurso útil para motivar e despertar interesse na sala de aula e os conflitos cognitivos podem ser um factor importante na construção de novo conhecimento pelo aluno. Por outro lado, podem também ser interessantes para aceder a falhas na estruturação do conhecimento, tal como ocorreu aqui.

Embora Piaget e Inhelder tenham constatado que as conservações elaboram-se naturalmente entre os seis e os doze anos, mesmo nos primeiros anos de faculdade encontram-se estudantes que ainda apresentam reacções de não-conservação.

Vale a pena perguntar por que o

ensino fundamental não auxiliou a que estes alunos tivessem desenvolvido as conservações e, por outro lado, por que o sistema escolar permite que alunos tenham notas suficientes em Matemática, incluindo Geometria, desprovidos um conceito tão fundamental. Esses alunos sabem talvez, as fórmulas para calcular as áreas de várias figuras geométricas mas ainda não têm o conceito de área.

Já observei o mesmo tipo de problema em Física, quando os alunos chegam à faculdade, por exemplo, sem um conceito de «força» bem estabelecido, tão fundamental na Física quanto o de área na Geometria. E o mesmo tem sido observado em Química e em várias outras áreas de conhecimento. Ou seja, pergunta-se

que Matemática se está, afinal, a ensinar?

Bibliografia

¹ ver, por exemplo, GARDNER, Martin, *Mathematics, Magic and Mystery*, Dover, 1956, trad. port.: *Matemática, Magia e Mistério*, Gradiva, Lisboa, 1991, p. 146.

² PIAGET, Jean e INHELDER, Bärbel, *Le Développement des Quantités Physiques chez l'Enfant*, Delachaux et Niestlé, Neuchâtel, 1941, 2^a éd. augm., 1962, trad. port.: *O Desenvolvimento das Quantidades Físicas na Criança*, Zahar, Rio de Janeiro, 2^a ed., 1975; PIAGET, Jean; INHELDER, Bärbel; SZEMINSKA, Alina, *La Géométrie Spontanée de l'Enfant*, PUF, Paris, 1948.

Renato P. dos Santos
CEDICA- Centro de Estudos em
Epistemologia e Didáctica
das Ciências/Almada
Instituto Piaget